REVISTA RAÍDO

OPEN ACCESS

UFGD

DOI: 10.30612/raido.v19i47.19978

A poética dos poros de Alice Ruiz: das estratégias de ensino à recepção do poema na sala de aula

The Poetics of Alice Ruiz's Pores: From Teaching Strategies to the Reception of the Poem in the Classroom

Marivaldo Marivaldo Omena Batista
E-mail: mobj-de88@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-8996-9891

Resumo: Ao analisar a superfície da pele-palavra poética de Alice Ruiz, percebemos a presença de poros que, ao se abrirem no esforço do eu poético, entre o prazer e a luta, transpiram. Esse corpo umidificado apresenta inúmeros sentidos, permitindo que o leitor, por meio de sua recepção, atribua significados. Assim, a poética dos poros se estrutura na experiência do corpo e da sexualidade feminina, que se tornam instrumentos de resistência e enfrentamento ao sistema de poder patriarcal. Nesse contexto, este artigo apresenta um recorte de nossa pesquisa de doutorado, cujo objetivo é analisar os poemas de Alice Ruiz sob uma perspectiva estilística e pós-estruturalista, além de avaliar a recepção dessa poética em uma turma da 2ª série do Ensino Médio da Escola Municipal José Sérgio Veras, em Sertânia-PE. A análise se fundamenta nas estratégias de compreensão leitora propostas por Girotto e Souza (2010), enquanto a leitura dos textos poéticos se apoia nos estudos de Cohen (1974), Foucault (2014) e Butler (2019). O percurso metodológico para o ensino de poesia foi estruturado a partir das quatro categorias da leitura metacognitiva de Girotto e Souza (2010): conhecimento prévio, conexões, inferência e visualização. Essa abordagem permitiu não apenas a ampliação da compreensão dos discursos sobre a mulher, mas também a apreciação das nuances estéticas que compõem os poemas. Os resultados foram promissores, evidenciando o entusiasmo dos estudantes com a poesia de Alice Ruiz.

Palavras-chave: Alice Ruiz; Estratégias de Leitura; Ensino; Corpo; Sexualidade.

Abstract: When analyzing the surface of Alice Ruiz's poetic skin-word, we perceive the presence of pores that, when opened in the effort of the poetic self, between pleasure and struggle, perspire. This moistened body presents countless senses, allowing the reader, through its reception, to attribute meanings. Thus, the poetics of pores is structured in the experience of the body and female sexuality, which become instruments of resistance and confrontation to the patriarchal power system. In this context, this article presents an excerpt from our doctoral research, whose objective is to analyze Alice Ruiz's poems from a stylistic and post-structuralist perspective, in addition to evaluating the reception of this poetics in a 2nd year high school class at the José Sérgio Veras Municipal School, in Sertânia-PE. The analysis is based on the reading comprehension strategies proposed by Girotto and Souza (2010), while the reading of poetic texts is based on the studies of Cohen (1974), Foucault (2014) and Butler (2019). The methodological path for teaching poetry was structured based on the four categories of metacognitive reading by Girotto and Souza (2010): prior knowledge, connections, inference and visualization. This approach allowed not only the broadening of the understanding of the discourses on women, but also the appreciation of the aesthetic nuances that make up the poems. The results were promising, evidencing the students' enthusiasm for Alice Ruiz's poetry.

Keywords: Alice Ruiz; Reading Strategies; Teaching; Body; Sexuality.

1 A POÉTICA DOS POROS DE ALICE RUIZ: UMA INTRODUÇÃO

A análise da superfície da pele-palavra poética de Alice Ruiz nos permitiu vislumbrar a presença de poros que, conforme o esforço do eu poético, se abrem entre o prazer e a luta, transpirando poesia. Essa transpiração, integrada ao projeto estético da poeta, remete a um conjunto de experiências humanas, especialmente as femininas, em que corpo e sexualidade se tornam instrumentos de resistência e enfrentamento ao sistema de poder patriarcal. Dessa forma, a tessitura textual de sua poética não apenas critica o patriarcado e as masculinidades tóxicas, mas também reivindica o direito ao lugar de fala e à autonomia para discutir corpo e sexualidade sob a perspectiva da mulher. Com efeito, a poesia de Alice Ruiz, de acordo com os estudos de Murgel (2010), Cruz e Tinoco (2012) e Batista (2023), dispõe de uma propositura discursiva que se aproxima do pensamento pós-moderno, uma vez que evidencia temáticas relevantes para a mulher à luz do feminismo.

À vista disso, essas temáticas são potencializadas por uma linguagem que expressa a troca de vivências e experiências do cotidiano, favorecendo a percepção do engajamento nas pautas políticas e culturais femininas. Essa característica da composição poética de Alice Ruiz corrobora às concepções de poesia contemporânea de Sandro Ornellas (2013, p. 134), segundo as quais o discurso social “submerge nas malhas da cultura”. Sob essa perspectiva, Batista (2023) compreende essas malhas como um tecido resultante de um processo cuidadoso, no qual o artesão cria peças alinhadas a um determinado período, com seus modismos, estilos e contextos. Dessa maneira, compreender o tecido poético — ou a pele-palavra poética de Alice Ruiz — possibilita a construção dos bastidores sociais e ideológicos de sua época, permitindo uma leitura dos conflitos do momento histórico em que o texto foi publicado.

Dentro desse contexto, o leitor pode recepcionar os poemas de Alice Ruiz como uma forma de ler e compreender o mundo e os inúmeros territórios discursivos. Para os limites deste artigo, restringimos as múltiplas perspectivas temáticas a dois eixos centrais: corpo e sexualidade, que se manifestam no poema lírico, no poema visual, nas canções e no haicai da poeta. Assim, nosso objetivo é propor uma discussão concisa sobre a produção poética de Alice Ruiz, destacando como as estratégias de compreensão leitora contribuíram para a recepção de sua poética na sala de aula. Para isso, elencamos quatro eixos para estudar e mediar o projeto estético da poeta

na escola: a) analisar corpo e sexualidade na perspectiva do poder, com base em Foucault (2014); b) investigar os elementos estéticos que favorecem a construção das temáticas abordadas; c) explorar as contribuições da metacognição para a mediação da poesia na escola; d) descrever os resultados da experiência de leitura com o texto poético de Alice Ruiz.

A pesquisa foi realizada com uma turma da segundo série do Ensino Médio da Escola Municipal José Sérgio Veras, localizada no povoado de Cruzeiro do Nordeste, no sertão pernambucano, município de Sertânia. A experiência teve duração de cinco meses, com dois encontros semanais com os adolescentes. Para registrar o desenvolvimento das atividades, utilizamos os diários de campo do professor pesquisador, a câmera fotográfica do celular e as fichas de leitura, recursos que contribuíram para uma melhor documentação e compreensão das práticas em campo. Desse modo, a abordagem metodológica adotada é quanti-qualitativa, alinhada ao método de pesquisa-ação. Nesse sentido, compreendemos que esse enfoque parte do pressuposto de vincular a pesquisa à ação, promovendo o desenvolvimento do conhecimento e da compreensão por meio da prática. Teoricamente, fundamentamos nossa metodologia nas perspectivas de Moreira e Caleffe (2006) e Engel (2000).

Na seção a seguir, discutimos a poética de Alice Ruiz de forma sucinta e analisamos seus textos poéticos à luz da estilística e do pós-estruturalismo, com o objetivo de compreender como seu projeto estético evidencia a crítica ao patriarcado. No que diz respeito à estilística, Jean Cohen (1974) aponta que essa abordagem resulta de um estudo aprofundado sobre a expressividade do texto poético, considerando seus aspectos sintáticos, sonoros e imagéticos. Ao apreender as nuances estéticas do poema, o autor enfatiza que o conteúdo e as emoções construídas na tessitura textual se revelam ao leitor.

Nesse sentido, Cohen (1974) identifica cinco elementos fundamentais que compõem a substância poética: (1) o aspecto fônico, relacionado à versificação; (2) o aspecto semântico da predicação, que diz respeito à construção do significado no enunciado poético; (3) o aspecto semântico da determinação, ligado à especificação e delimitação dos sentidos no texto; (4) o aspecto semântico da coordenação, referente à forma como os elementos do poema se organizam e interagem; e (5) a ordem das palavras, que influencia a expressividade e o impacto da mensagem poética. Diante desse arcabouço teórico, concentramos nossa análise em um recorte dessas categorias para uma leitura dos textos poéticos de Alice Ruiz. Tal escolha se justifica pelo

entendimento, defendido por Cohen (1974, p. 47), de que “uma arte completa tem a obrigação de utilizar todos os recursos de seu instrumento”.

No âmbito do pós-estruturalismo, Freadman e Miller (1994) argumentam que a teoria literária moderna, em seu aparato metodológico, tende a restringir a análise dos textos literários aos seus aspectos formais e estruturais, concebendo-os como meros objetos estéticos. Essa abordagem, ao privilegiar uma leitura internalista da obra, desconsidera a complexidade dos discursos que a atravessam e sua relação com as experiências humanas mais amplas. Dessa forma, os estudos que se limitam a essa perspectiva acabam por negligenciar as múltiplas vozes, contextos socioculturais e construções de sentido que emergem da linguagem literária, elementos essenciais para a compreensão da obra em sua totalidade. Assim,

> [...] como qualquer objeto linguístico, eles podem possuir um outro tipo de poder, e de fato o possuem: o poder de construir ou de reproduzir relatos sobre o mundo que servem aos interesses de grupos ou classes sociais ascendentes. Isso significa um tipo de poder linguístico a serviço do poder político, e a linguagem que atua nesse modelo socialmente reprodutivo (alguns afirmam que todas as linguagens atuam dessa forma) é denominada “discurso”. Tal discurso é, em certo sentido, a manifestação linguística da ideologia (Freadman; Miller, 1994, p. 13).

A partir dessa perspectiva, a literatura não se limita a ser um mero objeto linguístico; pelo contrário, em consonância com os estudiosos, ela se configura como um conjunto de escritas que narram experiências sobre o mundo, dando visibilidade a discursos de cunho ideológico, a grupos historicamente marginalizados e a classes sociais excluídas pelos estudos de tradição estruturalista. Consequentemente, conforme Freadman e Miller (1994, p. 13-14), “[...] a ‘literatura’ nessa explicação posicionou-se não como objeto da teoria literária, mas como seu antagonista”. Nesse sentido, o pós-estruturalismo abre caminho para a ressignificação da teoria literária, promovendo um diálogo interdisciplinar entre as ciências humanas para a análise do texto literário. Essa abordagem interdisciplinar é essencial para nossa pesquisa, já que consideramos que o projeto estético de Alice Ruiz, além de possuir um valor artístico significativo, também levanta reflexões fundamentais sobre o poder político, especialmente a partir das representações do corpo e da sexualidade.

Considerando que, segundo Canclini (2006, p. 23), a arte não se reduz a uma questão puramente estética, adotamos uma abordagem interdisciplinar para analisar

a poesia de Alice Ruiz. Dessa forma, a próxima seção do artigo também dialoga com os conceitos de poder em Foucault (2014), a noção de violência simbólica em Bourdieu (2020) e as discussões sobre desigualdade de gênero em Butler (2019), os quais contribuem para a compreensão dos discursos de autoridade masculina e das diversas formas de opressão contra a mulher.

2 DA PELE À TRANSPIRAÇÃO: ESTUDO ANALÍTICO DO POEMA DE ALICE RUIZ

Nascida em Curitiba, Paraná, em 22 de janeiro de 1946, Alice Ruiz já desenvolveu ensaios sobre a mulher e histórias em quadrinhos, editou revistas de astrologia, roteirizou mitologia grega e escreveu contos eróticos. Dentre suas inúmeras produções culturais e literárias, destacam-se as obras *Navalhanaliga* (1980), *Paixão xama paixão* (1983), *Pelo pelos* (1984), *HAI-TROPIKAI* (1985), *Rimagens* (1985), *Vice versos* (1988), *Desorientais* (1996), *HAIKAIS* (1998), *Poesia pra tocar no rádio* (1999), *Conversa de passarinhos* (2008), *Dois em um* (2008), *Jardim de haijin* (2010), *Proesias* (2010), *Luminares* (2012), *Outro silêncio* (2015) e a HQ *Afrodite: quadrinhos eróticos* (2015).

No que se refere às produções da década de 1980, observamos que a poeta, por meio da linguagem poética, questiona e critica os valores morais e normativos de uma sociedade de aspiração patriarcal. Nesse contexto, o poema a seguir aborda a percepção da mulher em relação à forma como suas experiências são moldadas por um perfil de poder dominante, ainda que esse poder não esteja explicitamente presente no texto poético:

> **Sou** uma moça polida
> levando
> uma vida lascada
>
> cada instante
> pinta um grilo
> por cima
> da minha sacada
> (RUIZ, 2008, p. 15)

A expressão “moça polida” configura-se como um epíteto de ordem semântica por determinação, que, conforme Cohen (1974, p. 112), consiste na adição de um ou mais termos determinantes a um substantivo comum. Isso ocorre porque a língua dispõe de uma categoria específica de palavras destinadas a essa função: os chamados “adjetivos determinativos”. Dessa forma, a condição de “polida” atribuída à palavra “moça” confere-lhe um sentido secundário, sugerindo a imagem de um objeto a ser esculpido, reproduzido ou lapidado. Essa mulher, moldada por uma mão invisível, pode ser preparada para servir, agradar e aceitar passivamente aquilo que lhe é imposto. Nesse contexto, o signo “polida” pode estar associado a um tipo de indivíduo regido por um código moral que, conforme Foucault (2014, p. 32), constitui “um conjunto sistemático de valores, regras ou conjunto prescritivo”.

No entanto, a percepção dessa austeridade patriarcal torna-se evidente quando a voz poética, nos dois últimos versos da primeira estrofe, reconhece a rigidez e o desgaste da rotina imposta: *levando/ uma vida lascada*. A escolha do verbo “levando” sugere uma ação contínua e inevitável, reforçando a ideia de um fardo que precisa ser suportado. Já a expressão “vida lascada” carrega uma conotação de precariedade e sofrimento, indicando que essa existência, moldada por normas patriarcais, está fragmentada, marcada por dificuldades e privações. Dessa maneira, o eu lírico não apenas constata a opressão vivida, mas também denuncia a exaustão resultante desse sistema, revelando uma crítica à realidade da mulher subjugada:

O adjetivo “lascada” confere à palavra “vida” uma conotação de sofrimento e exaustão. No entanto, como a voz lírica está inserida e condicionada ao pensamento patriarcal, ela se vê compelida a se preocupar — expressa na ideia de estar “grilada” — sempre que se permite refletir sobre suas próprias percepções de vida, simbolizadas pela “sacada”: *cada instante / pinta um grilo / por cima / da minha sacada*. A metáfora do “grilo” sugere um incômodo constante, uma inquietação que se impõe sobre qualquer possibilidade de tomada de consciência. Assim, o temor de reconhecer a dureza da própria existência resulta em um estado psicológico de submissão ou de lealdade forçada, um discurso próximo daquilo que Foucault (2014, p. 33) denomina “a austeridade de ser fiel”, cuja finalidade é moldar o sujeito à obediência de uma conduta moral patriarcal.

Dessa forma, o poema evidencia um sistema de poder que não apenas impõe normas de subserviência à mulher, mas também naturaliza sua internalização. Esse processo de imposição e assimilação do pensamento patriarcal pode ser compreen-

dido como uma forma de violência simbólica. De acordo com Bourdieu (2020), a violência simbólica constitui um mecanismo sutil, porém eficaz, de dominação, no qual significações socialmente construídas são impostas e legitimadas como naturais, sustentando, assim, a hegemonia do patriarcado no tecido social. Já o poema “tua mão”, publicado no livro *Vice versos* (1988), elucida um perfil de mulher que evidencia uma consciência do corpo, do prazer e do amor:

> Tua mão
> Em meu seio
> Sim não
> Não sim
> Não é assim
> Que se mede
> Um coração
> (RUIZ, 2008, p. 30)

A ausência de sinais de pontuação nos versos *sim não/não sim/não é assim [...]* configura uma pausa natural, que sugere um movimento contínuo, possivelmente mimetizando o trajeto da mão sobre o seio e o lampejo de reflexões sobre as concepções de amor (*não é assim/que se mede/um coração*). Conforme Cohen (1974, p. 50), a pausa é uma figura fônica que estabelece uma articulação entre os elementos sonoros, sendo, ao mesmo tempo, um recurso psicológico e gramatical. Desse modo, a ausência de pontuação no poema de Alice Ruiz não apenas contribui para a construção de imagens poéticas, mas também intensifica a sensação de movimento da mão sobre o corpo feminino, acompanhando a trajetória que precede a percepção da dicotomia entre prazer e afeto. Assim, o poema propõe uma reflexão sobre a relação entre sexualidade e amor, simbolizada pela palavra *coração*. Nesse contexto, a mulher é retratada como um sujeito de desejos, ativa e consciente daquilo que lhe proporciona prazer, rompendo com a passividade tradicionalmente atribuída ao feminino. Essas considerações, por sua vez, contrastam com a ideia tradicional de que o homem é sempre um sujeito ativo nas relações sexuais, enquanto à mulher é atribuída uma posição passiva, restrita à função de satisfazer o desejo e o prazer masculinos.

A partir desse ínterim, o projeto estético de Alice Ruiz, além de contestar esses valores patriarcais, evidencia um perfil de mulher destemida no que diz respeito à sexualidade. O poema abaixo, que apresenta o mesmo título da obra, aborda a marginalização do corpo da mulher nos anos de 1980:

Nada na barriga
Navalha na liga
Valha
(RUIZ, 2008, p. 156)

De acordo com Murgel (2010), Alice Ruiz afirma que o poema “Navalha na Liga” reflete sobre as condições que direcionam a mulher à prostituição. Nesse contexto, a expressão “nada na barriga” pode ser associada à fome, ou seja, a uma situação de vulnerabilidade social, enquanto a “navalha” representa um recurso de proteção contra possíveis abusos e agressões masculinas. Embora o poema não trate da temática amorosa, é relevante discutir como a mulher é submetida à prostituição e como o contexto social legitima a busca masculina pelo prazer. Jung (2021, p. 49) analisa os múltiplos significados do termo “amor”, que pode ser compreendido em diferentes esferas: ética, social, psicológica, filosófica, estética, religiosa, médica e jurídica. Nesse sentido, relacionamos “amor” ao “ato sexual” para interpretar o poema, no qual a mulher precisa se defender (*navalha na liga*) diante de um sistema que mercantiliza seu corpo. O “lucro” pode ser entendido como um fator econômico, já que o corpo feminino assume o papel de moeda de troca: sexo em troca de sobrevivência (*nada na barriga*). Diante disso, o psiquiatra suíço discute:

> [...] Com a palavra “amor” entendemos também o ato sexual em todos os níveis: desde a coabitação matrimonial, oficialmente sancionada, até a necessidade da descarga fisiológica que leva o homem às prostitutas e o mero negócio que estas fazem ou são obrigadas a fazer do amor (JUNG, 2021, p. 51).

De acordo com o excerto acima, por que o contexto social legitima a busca do homem por satisfazer suas necessidades sexuais (*descarga fisiológica*) em mulheres em situação de prostituição? Por que o *ato sexual* se reduz a um mero negócio? Por que, dentro dessa perspectiva, as mulheres são obrigadas a transformar o amor — ou seu próprio corpo — em moeda de troca para sobreviver? Butler (2021) discute a desigualdade de gênero como um fator determinante para a manutenção dessas estruturas patriarcais, uma vez que elas são definidas e reproduzidas pelos homens para justificar suas ações opressoras e misóginas. Como consequência, a prostituição se torna um mecanismo que perpetua o domínio masculino, obrigando as mulheres, a partir de suas condições sociais, a se submeterem a um cenário marginal para garantir sua sobrevivência em uma sociedade machista.

No que diz respeito à composição poética, a ausência de sinais de pontuação no poema, os versos curtos e os elementos sonoros, que apresentam uma homofonia interna (aliteração de /*n*/, /*lh*/, /*v*/ e assonância de /*a*/, /*i*/), criam um efeito acústico que pode mimetizar o som de uma navalhada. Esse recurso reforça a noção de autodefesa diante da violência masculina nos espaços marginais da sociedade. Já no verso *nada na barriga*, observa-se uma quebra sintática, que intensifica a percepção da fome como fator que empurra a mulher à prostituição. A presença da figura do hipérbato, definida por Cohen (1974) como a ruptura lógica da sequência sintática, é um recurso estilístico que contribui para a construção do discurso poético. Se lêssemos o poema em prosa, respeitando a ordem sintática convencional, perderíamos sua estrutura versificada, sua carga discursiva e o efeito dos elementos sonoros, que contribuem para a sensação da navalhada: *"navalha na liga valha quando há nada na barriga"*.

A partir desses recursos estéticos, o poema evidencia como o corpo feminino é submetido tanto à violação quanto à negligência das políticas públicas, que permitem a insegurança alimentar e física, além da falta de oportunidades para melhores condições de vida.

Sendo assim, buscamos destacar como a poesia de Alice Ruiz se apropria das temáticas do corpo e da sexualidade para refletir sobre a posição da mulher e seu poder em uma sociedade marcada por uma política patriarcal. Além disso, analisamos os recursos estéticos que não apenas estruturam essas discussões, mas também as potencializam por meio dos elementos formais da literatura, tornando o discurso ainda mais perceptível para o leitor.

3 A POESIA DE ALICE RUIZ NA SALA DE AULA: DAS ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO LEITORA À RECEPÇÃO DO POEMA

No que diz respeito às contribuições do ensino de literatura, o projeto estético de Alice Ruiz proporciona ao jovem leitor uma experiência de leitura significativa, permitindo tanto a percepção das múltiplas configurações estéticas da linguagem quanto a apreensão de um discurso engajado com pautas relacionadas às mulheres. Nesse sentido, a construção de um fazer pedagógico que estimule o estranhamento da obra literária — ou seja, aquilo que torna a linguagem peculiar ou incomum ao receptor —

possibilita um diálogo entre a bagagem sociocultural do aluno e os conteúdos abordados no texto por meio de seus elementos estéticos. Dessa forma, o contato efetivo com o texto poético na sala de aula contribui para a ampliação das percepções do aluno sobre o mundo e a sociedade, tornando a literatura, como afirma Antonio Candido (1995), um fator indispensável de humanização:

> Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (Candido, 1995, p. 249).

Nesse contexto, contribuir para a formação do leitor literário na escola significa direcionar o estudante a uma experiência estética que lhe permita se apropriar efetivamente do texto. Assim, ao recepcionar leituras como “tua mão”, “sou uma moça polida” e “navalha na liga”, o aluno pode perceber que, por meio da linguagem, a sociedade brasileira se estrutura sobre uma base social e política profundamente marcada pelo patriarcado, o que resulta na opressão das experiências e vivências das mulheres. Dessa maneira, a abordagem dessas questões em sala de aula não apenas estimula a formação crítica e sensível do aluno, mas também pode torná-lo mais consciente das desigualdades de gênero e dos desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade.

Justificamos, portanto, que o estudo da linguagem poética de Alice Ruiz na escola pode contribuir não apenas para a compreensão das experiências políticas e sociais das mulheres, mas também para a percepção das marcas da literariedade, que possibilitam ao jovem leitor dar forma ao pensamento, à opinião crítica e à sensibilidade. Para isso, selecionamos, em nossa pesquisa, um repertório de vinte e dois (22) textos poéticos, extraídos das seguintes obras: *Navalhanaliga* (1980), *Paixão Xama Paixão* (1983), *Pelos Pelos* (1984), *Poesia para tocar no rádio* (1999), *Paralelas* (2006) e *Dois em um* (2008).

Para os limites deste artigo, tomamos como base a experiência de leitura do poema “sou uma moça polida” em uma turma da 2ª série do Ensino Médio da Escola Municipal José Sérgio Veras, localizada em Sertânia – PE. Essa experiência possi-

bilitou a descrição e a análise das estratégias de leitura adotadas pelo pesquisador/mediador da tese. No que se refere à elaboração de antologias, Pinheiro (2007) destaca que muitos livros de poesia não são acessíveis aos estudantes, além de haver uma parcela de alunos que ainda não está plenamente preparada para a recepção de uma obra poética. A seleção de textos, portanto, busca contribuir para o primeiro contato dos discentes com a produção de Alice Ruiz, permitindo que reconheçam como a leitura de seu projeto estético, no contexto escolar, pode revelar tanto sua função social quanto sua dimensão artística. Dessa maneira, a abordagem do poema em sala de aula pode estimular a reflexão, ampliar a compreensão sobre questões sociais e de gênero relacionadas às mulheres e promover o desenvolvimento da sensibilidade estética e emocional.

Dentro desse contexto, para mediar a leitura da produção poética da compositora curitibana, é fundamental discutir estratégias de ensino que viabilizem a elaboração de uma sequência didática capaz de proporcionar uma experiência estética na escola. Para compreender a função social do poema “sou uma moça polida”, é necessário estruturar uma abordagem que relacione as experiências de mundo do leitor, a temática proposta pelo texto e a compreensão da linguagem poética. Com esse objetivo, inspiramo-nos na sequência didática de Solé (1988), que organiza o processo de leitura em três momentos: antes, durante e depois. A partir dessa estrutura, elaboramos nossa proposta de leitura, composta por três etapas: a) leitura guiada; b) leitura independente; c) discussão em grupo.

O primeiro momento da estratégia, a leitura guiada, corresponde à ativação do “conhecimento prévio” dos estudantes. Girotto e Souza (2010) discute sete estratégias fundamentais para a experiência de leitura literária: conhecimento prévio, conexões, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese. Para a descrição da experiência em sala de aula, detemo-nos no primeiro desses aspectos. No que se refere ao “conhecimento prévio”, a autora ressalta que ele é um elemento essencial para as demais estratégias, pois o jovem leitor dificilmente compreenderá o que está lendo sem relacionar o texto ao que já conhece. Nesse sentido, Cosson e Souza (2011, p. 66) consideram essa etapa como uma “estratégia-mãe” ou “estratégia guarda-chuva”, uma vez que funciona como porta de entrada para as demais.

Em razão de ser um recurso imprescindível para o processo de recepção do texto literário, o *conhecimento prévio* do jovem leitor, de acordo com Solé (1988), em *Estratégias de leitura*, é toda bagagem cultural consolidada pelo aluno, como também

informações já vivenciadas e experimentadas pelo estudante ao longo da sua vida. Levando em consideração os diversos níveis de conhecimento apresentado pelo discente, o papel protagonizado pelo educador é de ativar esses saberes. Sendo assim, a estudiosa comenta:

> Durante toda nossa vida, as pessoas, graças à interação com os demais e particularmente com aqueles que podem desempenhar um papel de educadores, constroem representações da realidade, dos elementos constitutivos da nossa cultura, entendida em sentido amplo: valores, sistemasconceituais, ideologia, sistemas de comunicação, procedimentos etc. (Solé, 1998, p. 40 grifos do autor).

O leitor-aluno adquire sua experiência de mundo por meio do contato social. A interação do sujeito com a sociedade, seja através dos meios de comunicação ou da vivência em sua cultura, amplia e diversifica seu conhecimento prévio, proporcionando-lhe uma bagagem cultural rica. Assim, o processo de comunicação entre o leitor escolar e o texto literário ocorre a partir dessa experiência de mundo. Nesse contexto, elaboramos a *prancheta poética* com o poema “sou uma moça polida” para, inicialmente, discutir a expressão *moça polida*. A figura abaixo ilustra nossa estratégia.

Figura 1: Prancheta Poética



Fonte: os autores da pesquisa (2023)

A *prancheta poética* possibilita, de acordo com Batista (2023), a manipulação do texto poético em sua totalidade. Considerando a flexibilidade dessa estratégia — que permite ao leitor substituir uma expressão específica por outra para aproximar-se das leituras iniciais do poema de Alice Ruiz —, o professor/pesquisador removeu a expressão *moça polida* para debatê-la com os estudantes.

> **Professor/pesquisador:** O que é *moça polida*?
> **Aluno1:** professor, moça pode ser uma menina.
> **Aluna2:** Pode ser uma adolescente.
> **Aluno1:** mulher é que não é. Deve ser adolescente.

Os estudantes inferiram que “moça” é um indivíduo que está experienciado uma transição: da fase infantil para a adolescência. Ainda pensando nesse sentido, o mediar continuou:

> **Professor/pesquisador:** já que vocês já definiram o que é moça, o que é *polida*?
> **Aluno3:** acho que é limpa.
> **Professor/pesquisador:** limpa em qual sentido?
> **Aluno3:** Limpa porque polida é uma coisa que brilha.
> **Professor/pesquisador:** Então, será que ela é uma “moça brilhante”
> **Aluna2:** Não acho que é isso. Polida pode ser uma coisa que se monta.
> **Aluno1:** Meu tio é artesão aqui em Cruzeiro do Nordeste, professor. Há umas peças que ele fica polindo. Pode ser alguém que fica polindo a mulher?
> **Professor/pesquisador:** Parabéns pelas interações! Foram colocações importantíssimas. Vou perguntar a vocês uma coisa: o que significa “polindo a mulher”
> **Aluna4:** acho que é uma moça educada por alguém. Uma menina educada para ser alguma coisa.

A partir das colocações do *Aluno1*, percebemos que ele utilizou do conhecimento prévio sobre o trabalho do tio, que é artesão, para inferir o significado de “polida”. Conforme Girotto e Souza (2010, p. 76), o docente ensina ao estudante como agir durante o processo de leitura, sugerindo dicas que cada texto literário apresenta e ensinando como relacioná-las ao seu conhecimento prévio para aplicar as inferências de maneira adequada. Com efeito, é da natureza do texto apresentar os vazios estéticos, o que corrobora a necessidade de serem preenchidos através das inferências do leitor; no entanto, não é todo elemento que pode preencher estas lacunas textuais. Sendo assim, a mediação adequada às necessidades do texto literário se faz relevante para propor o processo de inferências do leitor na sala de aula. A partir disso, a *Aluna4* con-

segui atribuir um significado a expressão *moça polida*: “uma menina educada para ser alguma coisa”. Com o auxílio de Post It e um cartão vazio, substituímos a expressão “moça polida” por “menina educada”. Em seguida, o mediador continuou:

> **Professor mediador:** já que conseguimos atribuir um significado a expressão “moça polida”, o que significado *vida lascada*”
> **Aluno1:** Essa é fácil! Uma vida difícil.
> **Professor/mediador:** Então, se essa moça é educada para ser alguma coisa, por que ela tem uma vida difícil?
> **Aluna4:** professor, acho que a educação que deram a ela foi ruim.
> **Professor/pesquisador:** ruim em qual sentido?
> **Aluna4:** Ruim porque ela foi educada não da maneira como gostaria. Ela foi polida para levar uma vida ruim. Ela foi educada para ser alguém que ela não gostaria.

A colocação da *Aluna4* contribuiu de maneira significativa para discutir as condições sociais e culturais da mulher. Quando a estudante comenta sobre alguém que “foi educada não de uma maneira como gostaria”, podemos dialogar com a perspectiva da austeridade de ser fiel, de Foucault (2014), que é o modo como a mulher é educada para servir ao homem. A partir do momento em que discutimos sobre esta educação que molda a mulher, a *Aluna4* abordou sobre o machismo:

> **Aluna4:** Acho que o homem é responsável por tudo. É responsável pela vida lascada dessa moça. É o machismo.

Kleiman (2011), na obra *Leitura: ensino e pesquisa*, menciona que o estudante utiliza dos seus próprios conhecimentos prévios para se interagir na leitura. Desse modo, as experiências adquiridas durante a vida do aluno se articulam com os conhecimentos linguísticos e textuais. A teórica comenta que o método de leitura desses indivíduos se dá a partir de um processo dialógico, cujo conhecimento prévio dialoga com algumas categorias textuais, sugerindo, portanto, caminhos de se colocar na leitura. Dessa forma, a *Aluna4* percebeu uma repetição de som, a aliteração, do /*p*/, /*l*/ e /*d*/ em “sou uma moça polida levando uma vida lascada”:

> **Aluna4:** Professor, esse som me parece alguém que está construindo.
> **Aluno1:** Um homem lapidando a mulher

As falas dos alunos 1 e 2 são relevantes, uma vez que experienciaram os recursos estéticos do poema de Alice Ruiz para atribuir significados. A partir desse viés, as estratégias contribuem para a elaboração de uma consciência dos procedimentos de leitura em sala de aula, sobre os quais os sentidos sejam atribuídos pelos alunos a partir da sua interação com o texto poético, em especial com a poesia de Alice Ruiz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de literatura na escola, por si só, apresenta desafios ao professor, tanto no que se refere à sua própria formação como leitor de poesia quanto às estratégias de leitura que adota em sala de aula. Acreditamos que o docente, ao possuir um repertório significativo de leitura literária, pode atuar como um mediador capaz de instigar, inquietar e estimular o estudante a ler, especialmente no que diz respeito à poesia de autoria feminina. Para isso, torna-se fundamental as estratégias de leitura, uma vez que contribuem como um ponto de partida e de chegada na relação entre os jovens leitores e o texto poético de Alice Ruiz.

Nesse sentido, quando as estratégias de leitura são aplicadas com objetivos bem definidos, elas contribuem para que a experiência com a poesia de Alice Ruiz se torne mais significativa na sala de aula. À medida que os alunos aprendem as estratégias, passam a compreender as múltiplas possibilidades de interação com o texto, apropriando-se de suas experiências de mundo, de sua bagagem cultural-social e de seu conhecimento prévio sobre o gênero poético para aprofundar a leitura.

Dessa forma, a sistematização das práticas de ensino não apenas favorece a interação entre texto e leitor, mas também amplia as percepções de mundo do estudante, permitindo-lhe ressignificar a si mesmo enquanto sujeito social. Além disso, essa abordagem contribui para a ampliação de uma visão crítica e sensível de realidade, reforçando o papel da literatura como um elemento essencial na formação humana e intelectual dos alunos.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Marivaldo Omena. Um pacto silencioso com o corpo e com a sexualidade: a poesia de Alice Ruiz na sala de aula. 2023. 241 p. Tese (Doutorado em Literatura). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, 2023.

BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina: a condição feminina e a violência simbólica [La Domination Masculine]. Tradução de Maria Helena Kühner. 18ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Ed.: 16ª edição: Rio de Janeiro, 2021.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: Vários escritos. 3 ed. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COHEN, Jean. Estrutura da linguagem poética. Tradução: Álvoro Loerencini e Anne Arnichand. São Paulo, Cultrix, 1974.

CRUZ, Marília de Alexandria; TINOCO, Robson Coelho. O feminino sob(re) uma sociedade masculina: traços poéticos de Alice Ruiz. Grafhos. João Pessoa, vol. 14, n°2, 2012 | UFPB/PPGL | ISSN 1516-1536. p. 164-172.

ENGEL, Guido Irineu. Pesquisa-ação. In: Revista Educar, Curitiba, Editora da UFPR, n.16, p. 181-191, 2000.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade, II: o uso dos prazeres. Graal, 2014

_____. Microfísica do poder. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2014.

FREADMAN, Richard & MILLER, Seumas. Re-pensando a Teoria – uma crítica da teoria literária contemporânea. Trad. Aguinaldo José Gonçalves e Álvaro Hattnher. São Paulo: Editora da UNESP, 1994.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4ª edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

GIROTTO, C.G.G.S. e SOUZA, R.J. Estratégias de leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R.J. de [et al]. Ler e compreender: estratégias de leitura. Campinas – SP, Mercado das Letras, 2010.

JUNG, C. G. Símbolos da transformação. In: Obras Completas de C. G. Jung, vol. V. Petrópolis: Vozes, 1986.

KLEIMAN, A. Leitura: ensino e pesquisa. 4a edição, Campinas: Pontes Editores, 2011.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MURGEL, Ana Carolina Arruda de Toledo. “Navalhanaliga”: a poética feminista de Alice Ruiz. Tese (Doutorado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2010.

ORNELLAS, Sandro. Da autonomia à Pós-autonomia: poesia como crítica do presente (notas de pesquisa). LANDA. Vol. 1 N° 2, p. 132-152, 2013.

PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. 3. ed. ampliada. Campina Grande: Bagagem, 2007.

RUIZ S., Alice. Dois em um. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura. Tradução: Cláudia Schilling – 6. edição. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira; COSSON, Rildo. Letramento literário: uma proposta para a sala de aula. Caderno de Formação: formação de professores, didática e conteúdos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.